

Seminário FESPSP
“Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”
17 a 20 de Outubro de 2016

GT 1 - Afetos e corpos nas instituições contemporâneas

Uma servidão que começa na infância:
Um olhar sobre o KidZania

Isabel Vieira Lopes¹
PUC-SP

Resumo:

O presente artigo busca fazer uma reflexão sobre a construção afetiva do trabalho neoliberal e o niilismo reativo de Nietzsche através de um estudo de caso do espaço KidZania, um parque em que as crianças podem brincar e experimentar diversas profissões. A partir dele serão discutidas questões como o imperativo do sucesso, a servidão maquínica, a sujeição social das máquinas sociais e a teoria niilista de Nietzsche, através de autores como Freire Filho, Safatle, Deleuze e Foucault, e de uma entrevista com o gerente de comunicação da filial brasileira do KidZania. Nosso objetivo, para além de apenas compreender as aproximações teóricas entre esses conceitos, é realizar efetivamente uma reflexão crítica sobre o sistema de produção da ordem neoliberal e seus aparelhos de comunicação.

Palavras-chave: Trabalho imaterial; Niilismo; Kidzania

¹ Mestranda do curso de Comunicação e Semiótica da PUC-SP e graduada em Comunicação Social pela ESPM. E-mail: lopebel@gmail.com

Introdução

O KidZania é um parque de diversões e entretenimento fundado em 1999 no México, para crianças de quatro a 14 anos, que desde o seu surgimento já recebeu mais de dez milhões de crianças em 15 países. Com um espaço de mais de 8.500 metros quadrados no Shopping Eldorado, em São Paulo, a KidZania é conhecida como “a cidade das crianças”. Nela, os pequenos experimentam em oficinas de duas horas mais de 50 profissões que imitam o mundo real, e recebem um salário, os KidZos, que podem usar na praça de alimentação, na loja de departamento do local ou até aplicar no banco do parque, recebendo um rendimento de 2% ao mês.

O objetivo do parque, de acordo com o próprio site da instituição, é ser uma ferramenta de aprendizagem sobre “o funcionamento da sociedade, educação financeira, trabalho em equipe, independência, autoestima e habilidades da vida real”. Assim, enquanto se divertem sendo bombeiros, jornalistas, médicos, cientistas, publicitários e mais uma dezena de outras profissões, vão aprendendo como trabalhar e ter uma carreira, se preparando para a vida adulta.

Apesar das crianças não trabalharem como um adulto, já que só podem ficar até 5 horas no parque, elas são estimuladas desde cedo a desenvolverem um aspecto fundamental do trabalho neoliberal: o capital humano. E marcas internacionais como Bradesco, Burger King, Folha de São Paulo, TAM e até a agência de propaganda Publicis endossam a proposta com suas oficinas. A justificativa, do ponto de vista do consumo, fica por conta do gerente da TAM: “É ocupar esse ambiente dentro do universo das crianças, porque daqui a pouco elas estarão voando com a gente”².

É a partir dessa reflexão que dividimos esse artigo em duas partes. A primeira busca compreender os aspectos relacionados à construção do capital humano da criança. Já a segunda refletirá sobre a criação do animal de rebanho na sociedade e suas imbricações com o fetiche do trabalho e o imperativo da felicidade no neoliberalismo.

² Disponível em <http://propmark.com.br/agencias/kidzania-oferece-interacao-inteligente-entre-marcas-e-criancas>. Acesso em 09/2016.

O capital humano da criança

Mais do que apenas uma futura consumidora, a criança será uma engrenagem do sistema de produção capitalista. Isso quer dizer, como nos conta Foucault (2008), que ela precisará de aptidões, conhecimentos e habilidades que formem um capital-competência suficiente para que ela possa se inserir no mercado e receber um salário. Esse é o capital humano, composto de elementos inatos, hereditários, biológicos e sociais, que são formados não no trabalho, mas fora dele, na convivência com a família, os amigos, a escola e, agora, esse parque infantil. É uma competência que faz do sujeito seu próprio capital, um empresário de si mesmo, o que faz a economia ser marcada por uma infinidade de unidades-empresas (ibid.), que vão se desenvolvendo e se promovendo na sociedade.

Essas crianças farão parte, portanto, do trabalho imaterial e da crescente flexibilização das empresas. Isso porque a antiga hierarquia que fazia parte dos primeiros espíritos do capitalismo foi desmontada, fazendo com que elas passassem a tirar cada vez mais proveito desses conhecimentos diversificados e a orientarem todos esses “seres *autogeridos e criativos*” (Boltanski e Chiapèllo, 2009, p.104) a operarem suas competências em prol da empresa.

O trabalho imaterial foi resultado da incapacidade de se mensurar o trabalho apenas pela quantidade de horas trabalhadas e produtos produzidos. Esse novo sistema de produção cede lugar a uma avaliação cada vez mais qualitativa e, portanto, mais subjetiva do trabalho. Agora levam-se em conta a realização de projetos, o alcance de objetivos e metas, e o desenvolvimento de novas competências e habilidades pessoais que são avaliadas semestralmente ou anualmente no formato de sessões de avaliação de desempenho no trabalho (Gorz, 2005).

Mas é evidente que o papel de inspirar, motivar e *fazer-fazer* não é só da empresa. A lógica do trabalho imaterial é deslocar essa função para o próprio voluntariado do sujeito “Eu S/A”, já que “a única solução é, de fato, que as pessoas se autocontrolem - o que consiste em deslocar a coerção externa dos dispositivos organizacionais para a interioridade das pessoas” (ibid., p.110).

É nesse movimento de fazer o sujeito se tornar uma empresa e gerir seu próprio capital que borram-se as fronteiras entre o que é “dentro” e “fora” do trabalho, uma vez que a vida se reduz a um valor que pode ser adquirido pelas empresas e seu tempo passa a operar pela influência do cálculo econômico e de valor, ou seja, “toda atividade deve poder tornar-se um negócio” (Foucault, 2008, p.25), transformando essa vida em puro *business*.

Agora parece ficar mais compreensível o propósito das atividades da KidZania: desenvolver espírito de equipe, educação financeira, responsabilidade, criatividade, visão de processos, pensamento analítico, cidadania e diferentes outros aspectos que constroem o capital humano, tudo isso trabalhando como diretora de arte em uma agência de publicidade, como jornalista em uma redação de jornal ou como médica, produtora, vendedora, enfim. Não parece ser mais só o inocente brincar pelo brincar e sim inserir a criança desde cedo no espectro de um mundo corporativo flexível, ilustrado pelo pequeno sujeito que pode escolher a profissão que bem entender ali no parque. De fato, em uma breve entrevista com o gerente de comunicação da unidade brasileira, foi-me explicado que

A KidZania tem o conceito de edutenimento, que mistura educação com entretenimento. Na verdade, entramos com o realismo para ajudar a criança a realizar o que sempre fez: imaginar o que vai ser quando crescer. Por isso a cidade busca empoderar os pequenos para que conheçam um pouco do mundo das profissões. A ideia não é tirar a infância das crianças, mas, sim, mostrar um pouco como pode ser o futuro.

É verdade que muitas crianças desde cedo já imaginam o que querem ser na vida adulta, mas é uma brincadeira muito menos séria do que a proposta do KidZania, de realmente criar um conhecimento acerca das profissões e do consumo.

Figura 01 – Mini agência de propaganda Publicis Brasil no KidZania



Esse propósito é ilustrado, por exemplo, na mini agência de propaganda, ilustrada pela figura 01, onde a criança é incentivada a criar uma campanha publicitária de cunho social e ambiental para alguma organização sem fins lucrativos, e aprende a desenvolver as funções de direção de arte, redatora e designer gráfica. A publicidade é um setor que depende fortemente da criatividade e do pensamento analítico para a criação de campanhas eficientes, que tragam retorno aos clientes e capturem as pessoas com seus discursos (Rocha, 1990).

Pois bem, a criatividade é algo possível de ser desenvolvido desde pequeno. E se desde então ela compreender e se interessar pelo universo do consumo, das marcas e da propaganda, quando tiver idade suficiente ela terá construído, provavelmente, uma competência que a tornará mais produtiva em seu trabalho logo no começo da carreira.

Como vimos, o propósito do KidZania é tanto fazer a criança se interessar por uma carreira quanto desenvolver competências típicas do mundo adulto. Aqui então temos um aspecto interessante a analisar: as oficinas. Com duração, como

vimos, de duas horas, as crianças acompanham (com a mão na massa) a produção de chocolates, balas, sucos e hambúrgueres, aprendem a logística de um correio e de um banco, fazem campanhas publicitárias e matérias investigativas para jornal, analisam micro-organismos em laboratório e até aprendem a fazer cirurgia em bonecas. Para os que não fazem ideia de por onde começar, existe até uma mini universidade que ensina tudo sobre as diferentes profissões. Ao final da oficina elas recebem o tão esperado salário em KidZos, que podem gastar na praça de alimentação, na loja de departamento ou no banco.

O critério para a seleção das profissões que compõem o parque, segundo o gerente Lucio Mattos, é básico. São “profissões aspiracionais e comuns ao dia a dia. [...] A ideia [do KidZania] é fazer com que a criança tenha um primeiro contato com a profissão, de maneira divertida e lúdica. Quem sabe daqui possam sair futuros jornalistas, médicos ou engenheiros”.

Quando perguntado porque é importante para a criança aprender desde cedo sobre educação financeira, trabalho em equipe e outras habilidades típicas do universo do trabalho, foi-me respondido que

Essa é a melhor forma de desde cedo inserir a criança em sociedade. Muitas delas ficam isoladas nos celulares e tablets, com pouco contato com outras crianças, por conta da violência e correria da vida dos pais. A parte da educação financeira é importante para que desde cedo elas entendam o valor do trabalho e remuneração. Muitos pais relatam que após visitarem à KidZania, os filhos passaram a entender melhor quando os pais podem, ou não, comprar um brinquedo para elas.

Fica evidente, portanto, a exaltação do produtivismo, da autorrealização performática (Freire Filho, 2010) e da precoce construção do imperativo da performance e da felicidade na criança. Ela é elogiada pelo trabalho e deve permanecer até o fim da oficina para receber uma recompensa que a deixará feliz. Afinal, todo mundo tem o direito de ser um vencedor na vida desde que faça esforço para tal.

Nesse sentido, os imperativos da performance e do sucesso são constantes no que a KidZania chama de mundo adulto. A performance, na realidade, está

imbrincada na questão do sucesso, porque bem-sucedido é aquele que é proativo, resiliente, eficiente, sabe trabalhar em equipe, é responsável, cumpre prazos e uma dezena de outras características que estão estampadas em qualquer revista de negócios. A semelhança com os objetivos do parque, portanto, não é mera coincidência.

Figura 2 – KidZania



Esse imperativo da construção do capital humano, mais do que marcado apenas pelas oficinas e atividades de consumo e relação interpessoal propostas, possui um objeto estético fundamental que reforça e clareia - literalmente - essa dinâmica: o teto azul do parque, que simula um céu, ilustrado pela figura 02. No KidZania então é sempre dia, de forma que não há tempo para descanso e brincadeiras: é sempre tempo de trabalhar e desenvolver competências, como se a vida adulta, em resumo, fosse destinada a isso.

A construção estética do parque, portanto, também não é à toa. O imitar uma cidade, com seus prédios, praças de alimentação, cinema, estúdios, ônibus, carros, faróis, postes de luz, praças, calçadas e outros elementos típicos da *urbe*,

buscam gerar um sentimento de euforia na criança. Ali ela pode fazer tudo o que os pais não deixam, como dirigir, passear sozinha pela cidade, trabalhar etc. Ocorre um deslumbramento, uma parada no tempo e no espaço que parece fazer a criança se entregar totalmente à proposta do parque e se perder por suas atividades propostas.

Inserir a criança desde cedo na lógica da produção neoliberal implica também no fato de que ela vai se submeter à sujeição social e à servidão maquínica típicas de nossos tempos. Como nos conta Lazzarato (2014), a sujeição social nos equipa com uma subjetividade individual que produz e distribui papéis sociais. É o caso do cartão de crédito que ela recebe no começo da brincadeira e a identifica, da oficina que ela escolhe fazer e também da sua nacionalidade, sexo, profissão que futuramente exercerá etc.

Já a servidão maquínica torna esse mini “Eu S/A” uma engrenagem, um componente do agenciamento entre empresa, Estado e sistema financeiro. Ali no KidZania ela tem uma amostra disso ao se submeter às atividades profissionais, receber um salário. De todo modo, nessa servidão ela é destituída de identidade, ou seja, é dessubjetivizada e se torna apenas uma peça que faz o parque continuar funcionando, apenas um número nas estatísticas de bilhões de visitantes que frequentam o lugar. Desse modo, “a sujeição social atua pela convocação, pela identificação, pela ideologia, enquanto a servidão pela modalização” (Prado, 2016, p.5).

Nesse sentido, e sob a lógica da recompensa de poder ganhar, com seus KidZos, uma massa de modelar, um bichinho de pelúcia ou até uma bicicleta, a criança vai se acostumando com o gozo de pequenas recompensas, pequenos momentos de felicidade que configuram uma amostra do tal mundo adulto. Ela realiza um investimento libidinal nas oficinas porque sabe que ao final terá esse gozo garantido, ou seja, ela sucumbiu à convocação desse discurso de trabalho, recompensa e consumo do KidZania.

Essa é a lógica da felicidade que deve ser conquistada em vida e não depois, como sugere o niilismo negativo de Nietzsche, marcado pela religião. Não é após a morte, em um paraíso desconhecido, que vamos ser felizes. É aqui,

agora, no KidZania, onde a criança entra basicamente sem “nada” e pode sair com um novo brinquedo, com novas competências e com a lembrança de seus gozos, para replicar posteriormente na vida adulta. Esse modo de fruição da vida *em vida* marca tanto o niilismo reativo de Nietzsche quanto o próprio neoliberalismo. Como explica Ferreira (2010),

O homem reativo faz uma *imagem* da sua própria vontade (uma vontade psicológica): o prazer [...] é algo que sempre lhe falta e, por isso, experimenta a incômoda sensação de que sua vontade nunca é definitivamente saciada. Sua esperança em satisfazer os seus desejos limita-se apenas às condições dadas que supostamente o levariam a isso (Ferreira, 2010, p.8).

Isso quer dizer que o sujeito, na busca por essa falta, esse *objeto-a* lacaniano, encontra plena satisfação neste mundo. Assim, ser ativo para o sujeito reativo se confunde com "a busca por premiações, reconhecimentos, riquezas, ascensão social" (ibid., p.9), atividades que tem um fim irracional. O autor nos traz como exemplo a figura do banqueiro. Não podemos simplesmente perguntar a ele qual o objetivo da sua atividade incessante de acumular dinheiro. Afinal, qual é o fim último da riqueza? Ele certamente não saberá responder.

Esse modo de operar a vida é interessante na medida em que vemos, nesse sentido, que a criança parece não apenas entrar em conjunção com o discurso do KidZania, mas com um discurso maior, de um Outro fantasmático que lentamente se estabelecerá em sua vida: uma grande máquina social. O KidZania é, assim, apenas uma máquina de expressão, uma engrenagem-enunciadora desse Outro, que faz a criança estabelecer seus primeiros contatos com o mundo adulto e ficar eufórica em relação a ele, haja visto que a “nossa sujeição social é afetivamente construída” (Safatle, 2016, p.74).

O que isso quer dizer? Que o trabalho recebe uma série de investimentos e adornos sensíveis que o atraem. É o caso de quem vê nele um propósito de vida, um instrumento para ser feliz, para ser reconhecido, para superar suas próprias expectativas e enfim, uma infinidade de sentimentos eufóricos que nos capturam.

É por isso que ao participar dessa brincadeira do KidZania, o contrato fiduciário que se estabelece não é apenas entre a criança e o parque, como

poderíamos pensar: é entre ela e esse Outro invisível que paira sobre a vida de todos no tal mundo adulto, e faz com que o trabalho se torne objeto de fetiche.

A formação do rebanho

É justamente essa máquina, que se instala pouco a pouco em cada sujeito através da sujeição social e da produção de subjetividades afetivas que convocam os indivíduos aos pequenos gozos da vida, que faz com que essa criança se torne um animal de rebanho, conceito nietzschiano que representa o homem moderno.

Por que rebanho? Porque esse sujeito é marcado pela ausência de um pensamento totalmente próprio. Ele busca no grupo a que pertence suas referências e, nesse sentido, não cria seus próprios valores, apenas se submete aos existentes. Como complementa Nietzsche, esse sujeito, “[...] jamais habituado a estabelecer valores por si mesmo, tampouco se [atribui] outro valor que não o atribuído por seus senhores” (Nietzsche, 2005, p.159).

Criança e adultos aqui, se submetem aos regimes de visibilidade e aos dispositivos que engendram afetivamente a sociedade para construírem suas identidades. Eles não buscam romper com essa ordem. Apenas, como um rebanho de ovelhas, seguem o caminho de seus colegas, guiados por um pastor invisível que toma corpo no Estado, nas empresas e nas máquinas de expressão, em busca do sucesso, do corpo perfeito, do carro importado.

Seríamos então como o fantasma dito individual de Deleuze, aquele que "tem como sujeito o eu enquanto determinado pelas instituições legais e legalizadas, nas quais ele 'se imagina' a tal ponto que [...] o eu se conforma com o uso exclusivo das disjunções impostas pela lei" (Deleuze, 2014, p.89). É nesse sentido que a produção social impõe suas regras ao desejo por intermédio de um eu cuja unidade fictícia parece ser garantida pelos próprios bens (ibid.), ou seja, os sujeitos sucumbem à essa realidade social porque é a única que lhes garante a plena existência diante de todo um medo de ser excluído ou mantido para trás.

Essa impossibilidade de questionamento do animal de rebanho, ou seja, sua incapacidade de alçar voos próprios, é fundamental para o sucesso da máquina social neoliberal. De fato, ela seria incapaz de operar em uma sociedade

de indivíduos que desconstróem seus valores e que, não apenas pensam, mas agem de acordo com seus próprios interesses. A máquina social aqui tem o importante papel de “preencher as condições de vida e as funções, as tarefas de conservação, de adaptação, de utilidade” (Deleuze, 1962, p.21). De fato, preenchendo a vida de sentido e ocupando a mente dos sujeitos a todo instante, ele não precisa se deparar com nossa pequenez frente à imensidão cósmica do universo em que vivemos.

Mas nosso ponto é menos o estabelecimento de uma sociedade "rebelde" e mais a instalação de um princípio fundamental da filosofia de Nietzsche: a desconstrução. Pois se estamos inseridos em uma lógica da produção ilimitada de bens de consumo e de convocação a infinitos gozos, parecemos também incapazes de subverter a lógica desse Outro fantasmático da máquina social, dar vazão às nossas forças criadoras e nos permitir vivenciar novos acontecimentos se continuarmos regidos por essas forças reativas.

Penso que parece ser necessário dar voz à multiplicidade de possibilidades de vida que estão dentro do campo de possíveis deleuziano, mas que estão presas e alienados no interior da divisão social e de gênero (Lazzarato, 2014). “O possível é produção do novo. Abrir-se ao possível é acolher [...] a emergência de uma descontinuidade na nossa experiência e [...] construir uma nova relação, um novo agenciamento” (Ibid., 2006, p.18).

O que isso significa? Que sendo animais de rebanho não damos vazão a essas forças criadoras. Somos controlados, organizados e normatizados tanto por dentro quanto por fora, temos um inconsciente fabricado por essa máquina e vivemos em um processo sistêmico de comunicação, marcado por “discursos naturalizados, incorporados em estruturas, instituições, fazendo com que a comunicação circule automaticamente” (Prado, 2016, p.7). Assim, o sujeito é “limitado por um regime de verdade que está fora dele e a ele chega através de discursos, normas e regulamentos incorporados em instituições que tem um funcionamento comunicativo maquínico” (ibid.), estabelecendo com eles uma relação cega de confiança que os faz perder a noção do que consiste a humanidade.

Nesse sentido, imagina Prado que uma política emancipatória viria do rompimento do regime de programação do eu de sucesso, que é o modo hegemônico de socialização que circula na comunicação. No âmbito do KidZania, poderíamos dizer que a programação que se estabelece é a da construção afetiva do capital humano, mais do que a do sucesso. Isso porque no parque não há vencedores claros. Não é um jogo como xadrez, em que temos uma delimitação entre quem ganha e quem perde. Ali todos podem ser vencedores porque, para isso, basta que realizem as oficinas e desenvolvam o capital-competência para serem reconhecidos e desenvolverem uma identidade.

Romper com esse regime de programação é um passo na direção do rompimento com esse grande Outro fantasmático, já que Zizek nos lembra que “seu status é o de um pressuposto subjetivo. Ele só existe na medida em que sujeitos *agem como se ele existisse*” (Zizek, 2010, p.18). Essa força reativa nietzschiana, portanto, que nos faz agir como animais de rebanho, também nos impele a abraçar voluntariamente o que nos é imposto. Fingimos no dia a dia que há uma livre escolha que na verdade não existe.

É nesse sentido que deveríamos pensar, como Deleuze questiona: “existe um outro devir? Tudo nos convida a pensa-lo talvez. Mas seria preciso uma outra sensibilidade, como diz Nietzsche com frequência, uma outra maneira de sentir” (Deleuze, 1962, p.31). Como reflete Ferreira, a vida contemporânea parece podada e vê vantagens em ser assim (p.39). Mas deveríamos ser capazes de fugir da lógica do “tu deves” e partir para o pensamento do “eu devo”, como espíritos verdadeiramente livres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste projeto, pudemos iniciar uma reflexão sobre o papel de agenciamentos como o KidZania no desenvolvimento da vida social. Operando sob a lógica neoliberal, isto é, submetidos à sujeição social e à servidão maquínica, e convocados constantemente a construir, aprimorar e promover um capital humano inserido no imperativo da felicidade, do sucesso e da performance, nos mantemos constantemente ocupados.

Nietzsche busca nos convocar para um outro tipo de vida, a ativa, em que poderíamos desconstruir os valores e as morais a nós impostos cotidianamente e criar nossos próprios passos. Me parece que é isso o que a criança faz no seu dia a dia e que o KidZania, num certo sentido, abafa: o fruir da vida sem o peso de todos esses imperativos, do mais-gozar ou da consciência de que precisará desenvolver um capital humano para se manter no jogo e não ser excluída.

O trabalho, afinal, como reflete o filósofo, parece apenas uma fuga da realidade. Em suas palavras, "vós todos que amais o trabalho furioso e tudo que é rápido novo, singular, suportai-vos mal a vós mesmos: a vossa atividade é fuga e desejo de esquecerdes de vós mesmos" (Nietzsche, 2005, p.72).

Deveríamos incentivar os pimpolhos desde cedo a desenvolver um capital humano? A conhecer tão a sério quanto em uma universidade fictícia, com direito a diploma e salário, as profissões que ele um dia poderá exercer? Ou podemos incentivar o velho e bom brincar pelo brincar, que desenvolve tão bem as mesmas competências, mas sem o peso de uma vida de rebanho?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: 1976. Disponível em https://poars1982.files.wordpress.com/2008/06/deleuze_nietzsche_ea_filosofia.pdf.

Acesso em 26/09/2016.

_____ ; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2011.

FERREIRA, Amauri. **Introdução à filosofia de Nietzsche**. 2010. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/0B347KgD-3KhNS19pWHhUbTg0eDg/view>. Acesso em 28/09/2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIRE FILHO, João. **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010

GORZ, André. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: Edições Sesc - N-1 Edições, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

_____. **Assim falava Zaratustra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PRADO, José Luiz Aidar. **Comunicação e reinvenção acontecimental da política.** Livro Compós, 2016.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **Magia e capitalismo:** um estudo antropológico da publicidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos.** Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.